



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III - GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**DIANA DOS SANTOS GOMES**

**O DESENHO EM LIBRAS *MIN E AS MÃOZINHAS*, UM RELATO DE  
EXPERIÊNCIA**

**GUARABIRA – PB  
2019**

DIANA DOS SANTOS GOMES

**O DESENHO EM LIBRAS *MIN E AS MÃOZINHAS*, UM RELATO DE  
EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção de título de graduada em Letras.

**Área de concentração:** Literatura e Educação.

**Orientador:** Prof<sup>a</sup> Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo.

**GUARABIRA – PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633d Gomes, Diana dos Santos.  
O desenho em libras Min e as mãozinhas, um relato de experiência [manuscrito] / Diana dos Santos Gomes. - 2019.  
42 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.  
"Orientação : Profa. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo, Departamento de Educação - CH."  
1. Inclusão. 2. Literatura Surda. 3. Libras. 4. Criança Ouvinte. I. Título  
21. ed. CDD 371.912 7

DIANA DOS SANTOS GOMES

**O DESENHO EM LIBRAS *MIN E AS MÃOZINHAS*, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção de título de graduada em Letras.

**Área de concentração:** Literatura e Educação.

**Orientador:** Profª Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo.

Aprovada em: 23/05/2019.

BANCA EXAMINADORA

Aline de Fátima da S. Araújo  
Profª. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rosângela Neres M. Silva  
Profª. Dr. Rosângela Neres Araújo da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Verônica Pessoa da Silva  
Profª. Dr. Verônica Pessoa da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho à minha mãe, à memória dos meus avós: Sr. Luís e Dona Maria, que sempre estiveram ao meu lado e nunca me deixaram desistir, acreditaram que eu fosse capaz, com enorme carinho a eles DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

O momento mais emocionante é sobre poder relatar as inúmeras pessoas que foram e são importantes em minha vida e o quanto a presença delas é essencial para que os obstáculos durante toda essa trajetória pudessem ser vencidos.

Em primeiro lugar e acima de tudo, agradeço aquele que sempre me protege e, apesar das dificuldades, me dá forças para superá-las, à meu DEUS, imensamente agradeço, pelos momentos que pensei que não conseguiria e por todas as coisas em minha vida.

Agradeço em particular à pessoa que sem ela para me apoiar nada disso estaria se tornando realidade, minha mãezinha, Dona Luciene, seria impossível não reconhecer todo esforço que fizeste para que este sonho se tornasse concreto, meu coração é teu e tudo isso devo a ti, que sempre estiveste ao meu lado, me apoiando nos momentos mais dolorosos que passei durante essa jornada, és minha inspiração de vida, meu exemplo mais puro de amor incondicional.

Aos meus avós, Sr. Luís e Dona Maria que, apesar da ausência física nunca deixaram de me apoiar, de me incentivar, este sonho é nosso, este momento é nosso e isso também devo a vocês, e onde estiverem, espero que estejam felizes por este dia está se tornando real. O amor que deixaram em minha vida se tornou instrumento para enfrentar os dias difíceis.

Aos meus irmãos, que sempre vibraram com minhas vitórias, agradeço por todo companheirismo e apoio.

À um amigo em especial, Marcelo, que foi peça-chave para que eu não deixasse esse sonho de lado, que não desistisse em meio às tribulações, a essa pessoa, que além de amigo é namorado, noivo, reconheço todo gesto de carinho e não poderia deixar de agradecer por tudo.

À esse ser humano de luz, minha orientadora Aline Araújo, com seu jeito doce e dedicado, me deu a oportunidade de fazermos parceria e se fez presente em toda a criação deste trabalho, em todos os momentos esteve me apoiando, sempre dando sua contribuição.

À todos os professores da graduação da UEPB que estiveram presentes ao longo de todo esse processo.

Às minhas amigas, que foram companheiras de lutas, que sempre me estenderam a mão, vocês são as melhores. Cada pessoa durante essa trajetória foi, sem dúvida, uma luz para que todo esse caminho pudesse ser traçado. Em meu coração só gratidão.

Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los, devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que permitir-lhes ser surdo.

Terje Basilier

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. LIBRAS, QUE LÍNGUA É ESSA? .....</b>	<b>14</b>
<b>3. MEIOS LÚDICOS PARA BUSCAR A INCLUSÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>4. ARTEFATOS CULTURAIS DO POVO SURDO .....</b>	<b>20</b>
<b>5. METODOLOGIA.....</b>	<b>25</b>
<b>6. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>27</b>
<b>7. CONCLUSÃO.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>38</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>40</b>



## O DESENHO EM LIBRAS “MIN E AS MÃOZINHAS” UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Diana dos Santos Gomes<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a Língua Brasileira de Sinais, tendo como suporte *Min e as mãozinhas*, o primeiro desenho animado voltado para o ensino da Libras, cujo objetivo principal é ensinar Libras para crianças ouvintes. O intuito então de colaborar para encurtar as barreiras que ainda permeiam a sociedade, buscando aproximar o público ouvinte para conhecer a comunidade surda e suas particularidades. Dessa maneira, a presente pesquisa se desenvolveu primeiramente partindo de uma investigação bibliográfica, prosseguindo para uma intervenção pedagógica, com propósito de que, os objetivos antes traçados pudessem ser alcançados. Tendo como aporte concepções de diversos autores que permeiam esses estudos, entre eles: KARNOPP (2008), GESSER (2009), STROBEL (2008), SOUSA (1996), PINHEIRO (2010) e LIMA E PEIXOTO (2018). A intervenção foi o ponto chave desta pesquisa, foi através dela que compreendemos como a Literatura Surda, em especial o desenho animado, pôde servir como suporte para se ensinar Libras às crianças ouvintes, no qual, todo dinamismo durante esta pesquisa foi capaz de envolver os alunos durante o processo de interferência, estimulando as crianças ouvintes a se envolverem em busca de conhecer mais sobre a Língua Brasileira de Sinais. Constatamos que os alunos a todo momento estiveram envolvidos nas atividades propostas e o mais importante, fora percebido que houve interesse, aprendizagem, e a compreensão de que temos que contribuir com a sociedade e o ambiente escolar, para incluir o sujeito surdo, dando importância a Libras, em especial, para aqueles que a têm como língua materna.

**Palavras-chave:** Inclusão. Literatura Surda. Libras. Criança ouvinte.

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em Letras-Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.  
E-mail: diana\_empre@hotmail.com

## **ABSTRACT**

The present work has the objective of presenting the Brazilian Sign Language, with *Min and the little hands*, the first cartoon aimed at the teaching of the Libras, with the main objective of teaching Libras to hearing children. With the intention of collaborating to shorten the barriers that still permeate the society, seeking to approach the listening public to know the deaf community and its particularities. In this way, the present research was developed starting from a bibliographical investigation, but also proceeding for a pedagogical intervention, in order that in this way the objectives previously traced could be reached. This paper is based on the concepts of several authors that permeate these ideas, among them: KARNOPP (2008), GESSER (2009), STROBEL (2008), SOUSA (1996), PINHEIRO (2010) and LIMA E PEIXOTO (2018). The intervention was the key point of this research, so it was through her that we understood how the Deaf Literature, especially the cartoon, could serve as a support to teach Libras to the listening children, in which all dynamism during this research was able to engaging students throughout the process of interference, encouraging listening children to get involved in finding out more about the Brazilian Sign Language. We found that students at all times were involved in the proposed activities, and that the most important had been perceived, there was interest and learning, and an understanding that we have to help society, the school environment to include the deaf subject, and the importance of Libras for everyone in society, especially for those who have it as their mother tongue.

**Keywords:** Inclusion. Deaf Literature. Libras. Child listener.

## 1. INTRODUÇÃO

Nossa atual sociedade, com tantas modificações ocorridas no decorrer dos tempos, tantas tecnologias, ainda se encontra distante de ser uma sociedade capaz de ter um olhar mais atento, preparada para compreender e encurtar barreiras no sentido de aceitar o outro com suas diferenças. Por este viés, buscamos estudar sobre como vem crescendo o cuidado voltado para a comunidade surda e os meios que estão sendo criados para tornar o acesso a Libras mais prático e fácil, para aqueles que precisam e desejam conhecer essa língua.

Nesta concepção, a presente pesquisa busca ressaltar como a Língua de Sinais é importante para a comunidade surda, como ela se diferencia das demais e como a utilização de ferramentas para incluí-la no ensino pode acarretar pontos positivos para a educação, pois pelo fato de ser uma língua sinalizada não quer dizer que seja inferior a outras. Desse modo, define Brito (1997):

As línguas de sinais distinguem-se das línguas orais porque utilizam-se de um meio ou canal visual-espacial e não oral auditivo. Assim articulam-se espacialmente e são percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos “fonológicos”, morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários através das mesmas dimensões espaciais (p.2).

Portanto, independentemente do modo como a Língua de Sinais é “falada”, não diminui sua relevância para os surdos e nem para os ouvintes. É importante que haja uma vivência que proporcione aos alunos ouvintes, utilizando meios lúdicos, dinâmicos, aproximando-os da realidade em que vive a pessoa surda. Como por exemplo, de não ter fácil acesso ao ensino, de não ter aporte para que esse ensino seja realmente efetivado em sua língua materna, a Língua Brasileira de Sinais, que é por muitos desconhecida, principalmente por crianças que nunca tiveram acesso a ela e não sabem de sua importância.

Acredita-se que trabalhando de forma prazerosa, por meio de um ensino não tradicional, utilizando ferramentas que proporcionem um aprendizado significativo ao longo de todo esse processo de experiência, o aluno venha a ter interesse em conhecer a Libras.

Sendo assim, a escolha do tema para o presente trabalho se deu com o ímpeto de buscar conhecer mais sobre esse universo que é a Língua Brasileira de Sinais, vontade essa que surgiu a partir do momento que tive o primeiro contato com surdos durante a graduação, e ter aprendido um pouco sobre a Língua Brasileira de Sinais ao longo do curso, o que trouxe uma reflexão de como o mundo dos surdos é grandioso, e o quanto podem acrescentar em nossa vida.

O interesse por essa língua surgiu a partir do primeiro contato durante a formação como futura profissional, estudante do Curso de Letras-Português, pela Universidade Estadual da Paraíba, na curiosidade de saber um pouco mais sobre a língua materna dos surdos, para que, de certa maneira, ao longo dessa formação, possa contribuir um pouco para dar espaço à inclusão, refletindo também sobre o quanto os surdos ainda são excluídos de nossa sociedade que se diz tão moderna. Com base nesses relatos, é interessante instigar, descrever, investigar, para que, aos poucos, surjam contribuições para propagarem os olhares para esse grupo que está em grande parte na nossa sociedade.

Sabemos que a Libras é indispensável para a comunicação dos surdos e de suma importância, também, para os ouvintes. Usá-la possibilitará que eles façam parte desse meio tão grandioso, trazendo entendimento de que os surdos não são deficientes por terem uma língua diferente, e eles podem e possuem a mesma capacidade que qualquer outro sujeito.

Com base nisso, a partir do momento que surgiu a primeira animação em Língua de Sinais voltada para crianças surdas, sem que houvesse uma necessidade de legendas, e também para crianças ouvintes conhecerem mais sobre esse universo, surgiu a ideia de introduzir esta animação em ambiente escolar, para incentivar uma aproximação a Libras e entre crianças surdas e ouvintes.

Sabemos que a educação inclusiva ainda está distante da nossa realidade, principalmente nas escolas públicas, educação essa que deveria ser concreta, mas tem suas falhas, que são inúmeras e que acabam prejudicando as pessoas que necessitam dela. Por outro lado, estão surgindo meios para essa educação ser construída aos poucos, *Min e as mãozinhas*, por exemplo, uma animação totalmente em Libras, propicia um contato direto com a Língua Brasileira de Sinais, em que o surdo e o ouvinte podem vivenciar essa experiência juntos. A ferramenta lúdica e as peças teatrais baseadas no desenho são maneiras que vem a somar e podem fazer parte da educação inclusiva, de forma a despertar interesse para se conhecer outras realidades, culturas e, em especial, outra língua.

Dessa maneira, a referente pesquisa se fundamenta em utilizar essa ferramenta lúdica para ensinar Libras a crianças ouvintes, e como as experiências obtidas no decorrer de todo esse processo podem incentivar os alunos a buscar e a querer conhecer mais sobre o tema. E como, por meio deste, pode ocasionar uma proximidade entre o surdo e o ouvinte no ambiente escolar. Será feita, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica para explicarmos melhor sobre a Libras, em seguida, será feito um relato sobre as experiências obtidas no ambiente escolar em que se deu todo esse processo e construção do trabalho.

Como problemática teremos: Qual a importância para o aluno ouvinte passar a conhecer a Língua Brasileira de Sinais? Como ela pode ser significativa e enriquecedora no processo de ensino aprendizagem e, conseqüentemente, aproximar o aluno ouvinte da Língua dos Surdos.

A pesquisa de campo tem como objetivo geral abordar o ensino da Libras partindo da animação *Min e as mãozinhas*, para que crianças ouvintes tenham acesso à Língua Brasileira de Sinais. Além dos objetivos específicos: conhecer a Libras e seus aspectos linguísticos; a ludicidade na inclusão; expor a Literatura Surda e os artefatos culturais do povo surdo.

A partir disso, relataremos como foi a experiência obtida com a utilização do desenho: *Min e as mãozinhas*, primeiro desenho animado em Libras, criado no ano de 2018 por Paulo Henrique Silva Rodrigues dos Santos e Isabel Humenhuk Hermes. Em uma entrevista ao RankBrasil Paulo Henrique, esclarece:

Outra meta é ensinar a língua de sinais para as pessoas, visando a inclusão social. [...] Aprendi tanta coisa na escola, mas não conversar na língua dos sinais. Isso me pareceu uma falha nas grades curriculares. [...] A finalidade é levar o ensino de Libras às crianças e assim ajudar no crescimento de uma geração de pessoas com capacidades para serem mais inclusivas (RANKBRASIL, 2018, s/p).

Desse modo, é notória a necessidade de buscar a inclusão e, mais ainda, buscar subsídios para efetivá-la. A intenção desse desenho é justamente essa, incluir, incentivar o aluno a aprender a Libras. *Min e as mãozinhas* nasceu com esse propósito, tanto para crianças ouvintes quanto para crianças surdas conhecerem e reconhecerem a Língua Brasileira de Sinais.

Por meio de uma pesquisa qualitativa se realizará uma intervenção, na qual o desenho será apresentado a alunos de uma escola pública na zona rural do município de Cacimba de Dentro – PB, em uma turma do 3º e 4º anos do Ensino Fundamental I, composta por 7 alunos, 4 meninas e 3 meninos, lugar no qual tenho a honra de lecionar durante o ano letivo de 2019.

O trabalho está apresentado da seguinte maneira: no primeiro capítulo denominado *Libras, que língua é essa?* Tem o intuito de mostrar o quanto é indispensável essa língua para a comunidade surda.

O segundo capítulo, nomeado: *Meios lúdicos para buscar a inclusão*, veremos como é importante a inclusão no âmbito escolar, também a importância de se conhecer outra língua.

Logo após teremos: *Os artefatos culturais do povo surdo*, ressaltando o quanto os artefatos culturais dos surdos são importantes, também acrescido de informações e conceitos significativos em relação à literatura surda.

No quarto capítulo abordaremos os *Resultados e discussões*, relataremos as experiências obtidas, como se deu essa intervenção, se foi bem recebida pelos alunos, como reagiram a partir do momento que tiveram contato com essa língua, e se foi significativo para o aprendizado dos mesmos.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais, relatando todo aprendizado obtido tanto pelos alunos quanto pela professora e a importância da ludicidade para despertar o interesse dos alunos ao se depararem com uma nova realidade.

## 2. LIBRAS, QUE LÍNGUA É ESSA?

A Língua de Sinais surge pela necessidade que o sujeito surdo tem para se comunicar, embora venha sendo uma batalha árdua no decorrer dos tempos os preconceitos sofridos pelos surdos na tentativa de inseri-los na cultura ouvinte e a todo custo uma busca para oralizá-los, foi se observando que eles precisam de sua língua materna para se comunicar de forma efetiva e a Língua de Sinais resistiu a estas repressões e está viva sendo passada de geração em geração. Karnopp (2005) enfatiza: “Portanto, se a linguagem humana é universal no sentido de que todos os seres humanos possuem a capacidade para adquirir uma língua, não é surpreendente que as línguas de sinais se desenvolvam entre pessoas surdas”. (p. 8)

Assim, é importante destacar que foi o Linguista Americano que deu início as primeiras contribuições importantes acerca da Libras, Willian Stoke. Como relata Strobel (2008):

A partir da década de 1950 iniciaram-se estudos aprofundados sobre as línguas de sinais como, por exemplo, o do americano Willian Stoke (1965) [...] que proporcionaram a valorização da língua de sinais, dando-lhes status como uma língua legítima do povo surdo (p. 46).

Com essa afirmação, entendemos que a Língua de Sinais tem um papel determinante para essa comunidade, pois é através dela que podem efetuar sua comunicação, de maneira que não se sintam obrigados a fazer parte de outra cultura, e nem sejam frustrados com tentativas para torna-los sujeitos oralizados, sem que tenham imposto a eles outra língua.

A língua de sinais é uma das principais marca da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (STROBEL, 2008, p. 44)

Então, de fato não há uma maneira mais adequada de inserir o sujeito surdo na sociedade do que ensiná-lo e aceitá-lo com suas particularidades, pois são essas que mostram o quão a sociedade é heterogênea e como ninguém deva ser privado de fazer parte do seu universo cultural e linguístico.

A Libras (Língua Brasileira de Sinais) é uma língua complexa assim como as demais, sendo esta a língua natural e oficial do surdo, como cita a lei:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Por isso, não deve ser vista como inferior e restrita aos demais sujeitos, como também é necessário desmistificar a ideia de que a comunicação do surdo é feita por meio de gestos ou mímicas, como muitos imaginam, e sim por meio de sinais. Assim, como assegura Pinheiro (2010), ela possui “[...] todos os requisitos que a conferem como língua tais como: aspectos fonológicos, morfológicos, sintaxe, semântica e pragmática” (p. 59).

Percebemos então, que, assim como as demais línguas, a Libras possui todos os aspectos linguísticos, contextuais, variações, regionalismos, ressaltando que esta não é uma língua universal, ou seja, cada país, região, tem suas particularidades sobre a Língua de Sinais (LS), permitindo a seus usuários manterem a comunicação, não deixando de lado as suas especificidades.

Uma das crenças mais recorrentes quando se fala em língua de sinais é que ela é universal. Uma vez que essa universalidade está ancorada na ideia de que toda língua de sinais é um “código” simplificado apreendido e transmitido aos surdos de forma geral, é muito comum pensar que todos os surdos falam a mesma língua em qualquer parte do mundo, ora, sabemos que nas comunidades de línguas orais, cada país, por exemplo, tem sua (s) própria (s) língua (s) (GESSER, 2009, p.11).

Levando em consideração as reflexões acerca das línguas, cada país possui sua língua oral e sua Língua de Sinais específica, de modo que as Línguas de Sinais são tidas como línguas sinalizadas. Ainda seguindo as afirmações de Gesser (2009): “[...] nos Estados Unidos, os surdos ‘falam’ a língua americana de sinais; na França, a língua francesa de sinais; no Japão, a língua japonesa de sinais; no Brasil, a língua brasileira de sinais; e assim por diante” (p. 11,12). Havendo dessa maneira uma língua oficial do Brasil, que é a Língua Brasileira de Sinais, variando de acordo com sua comunidade linguística.

Diferentemente dos ouvintes que utilizam as línguas orais-auditivas para efetivar a comunicação, Pinheiro (2010) assim define: “línguas orais-auditivas: o canal emissor da comunicação é a voz, através da fala, e o canal receptor da comunicação são os ouvidos, através da audição” (p. 59). O sujeito surdo é altamente visual, porque tem a visão em substituição à audição, fazendo uso da modalidade gestual-visual ou viso-espacial para comunicar-se, tendo como emissor os sinais produzidos pelas mãos e a visão como receptora dos mesmos.

A língua de sinais tem todas as características linguísticas de qualquer outra língua humana natural. É necessário que nós, indivíduos de uma cultura de língua oral,



entendamos que o canal comunicativo diferente (visual-gestual) que o surdo usa para se comunicar não anula a existência de uma língua tão natural, complexa e genuína como é a língua de sinais (GESSER, 2009, p. 21, 22).

Com bases nestes conhecimentos, percebemos a necessidade de falar sobre a Libras, de modo que, todos sejam conhecedores de sua importância, respeitando-a e aceitando-a efetivamente como ela é, visando a inserção do surdo nas interações comunicativas. Por isso, enfatizamos que a Libras é extremamente importante para os surdos, como também para os ouvintes e demais sujeitos que desejam aprendê-la. Inserir-la, de fato, no âmbito escolar seria um meio para suprir necessidades acerca dessa língua.

Compreende-se, portanto, que:

Exposto à Libras, desde o início de sua vida, o sujeito surdo teria, assim, garantido seu direito a uma língua de fato. A partir dela, o ensino do português (L2) seria facilitado pela garantia de um funcionamento simbólico-cognitivo já ocorrendo de modo satisfatório (UZAN *et al*, 2008, p. 3).

Apesar de ser a língua materna do surdo, a Libras ainda não é acessível a todos, e com isso, os surdos acabam não dispondo do acesso à sua língua materna, tendo esta que ser empregada a partir do começo de sua vida, para que assim haja uma apropriação de sua língua, e o português entraria apenas como a segunda língua para os surdos, como uma língua adicional, mas sabemos que é um longo caminho a ser percorrido, visto que faltam investimentos, formações continuadas, professores capacitados e o principal, a disciplina de Libras no currículo nas escolas desde o ensino fundamental.

Conforme ressalta Wallis (1990),

Se os surdos têm contato com a língua de sinais desde cedo; assim a criança surda poderia sentir como as outras crianças, fazer perguntas e obter as respostas, ou seja, a curiosidade da criança surda será satisfeita muitas vezes e terá maior acesso às informações (p.16).

Por isso, não podemos deixar de reconhecer a importância que a Língua de Sinais tem, especialmente para as crianças surdas, pois é por meio dela que sua comunicação pode ser efetivada de maneira natural, fazendo uso de sua língua materna.

É notável em nossa sociedade que, há uma ampla necessidade de tornar o acesso a Libras uma realidade, pois sem ela os surdos estão sendo desprovidos do contato com língua materna, uma vez que a aquisição dessa língua é o meio capaz para suprir as dificuldades comunicativas vividas pela comunidade surda. No entanto, a ausência da Língua de Sinais Brasileira em nossa sociedade ainda é notada nos contextos escolares, especificamente para a comunidade surda, sendo ela indispensável para efetivar a comunicação do sujeito, tendo

em vista que é direito de qualquer cidadão exercer sua interação social de forma mais adequada, e para os surdos essa comunicação será efetivada quando todos os espaços estiverem com a inclusão da Língua de Sinais.

### 3. MEIOS LÚDICOS PARA BUSCAR A INCLUSÃO

Sabe-se que o tema inclusão deixa muito a desejar em nossa realidade educacional, ainda tem muitas barreiras a serem ultrapassadas, pois ainda é uma ferramenta distante do seu real significado. Por isso, muitas pessoas acabam sendo excluídas quando não têm contato com a inclusão durante o processo educacional. Desse modo, devemos buscar subsídios para que o tema esteja presente em nossas salas de aula, fazendo uso de elementos específicos para tornar a inclusão efetiva, de modo a entendê-la como necessidade em todos os âmbitos, tirando a visão errônea de que ela só se aplica à inserção das pessoas com alguma deficiência.

Com isto, entendemos que:

Transformar a escola significa, portanto, criar as condições para que todos os alunos possam atuar efetivamente nesse espaço educativo, focando as dificuldades do processo de construção para o ambiente escolar e não para as características particulares dos alunos (FIGUEIREDO, 2010, p. 34).

É perceptível a necessidade de modificar o olhar para a educação, buscando cada vez mais ofertar uma educação inclusiva, de modo que, tanto os alunos com especificidades quanto os demais tenham acesso a essa educação, para que com esse contato haja um rendimento significativo de ambas as partes, de modo a ser vislumbrada outra realidade, enriquecendo a educação por meio da inclusão no âmbito escolar.

Uma maneira bastante significativa para buscar a inclusão é através da ludicidade, como ressalta Souza (1996), “é através do lúdico que a criança consegue relacionar-se [...], com o outro e com o mundo, onde o imaginário se transforma em real, provocando-lhe uma sensação de poder e domínio sobre o mundo” (p. 341). Dessa forma, a ludicidade pode ser considerada um importante meio para se trabalhar a inclusão em sala de aula, utilizando-se de elementos que se tornam extremamente eficientes para a aprendizagem do aluno, pois através da ludicidade é possível obter interação, participação, interesse, aprendizado, o que, aos olhos das crianças é uma forma atraente de se aprender. Conforme Moreira e Guidetti (2005):

[...] o lúdico tem o poder de incentivar tanto o progresso da personalidade integral quanto de cada uma das funções psicológicas, intelectuais e morais do educando. No mundo escolar tudo é novo e desafiador. Nesse ambiente totalmente desconhecido, o lúdico exerce o papel de mediador e facilitador da aprendizagem [...] (p. 221).

O lúdico é uma estratégia importante para se trabalhar a inclusão, podendo utilizar atividades e ferramentas atraentes para as crianças, conseguindo, através desse meio, alcançar objetivos, buscando sempre incentivar o desenvolvimento. Independente da atividade lúdica escolhida para se trabalhar, sejam jogos, músicas, brincadeiras, entre outras, o objetivo do educador deve ser claro, visto que antes de tudo devem-se ter metas efetivas, propósitos específicos a que se pretende chegar. O professor precisa atuar sempre como pesquisador, constatando reações, atuações e, o mais importante, as descobertas dos alunos no decorrer do processo da atividade lúdica.

A este propósito Souza (1996) enfatiza que:

[...] percebemos o lúdico como recurso indispensável no ensino fundamental [...]; o uso do lúdico na educação formal tem um papel relevante no desenvolvimento infantil, torna-se necessário instaurar, na instituição educativa, a dialética entre o lúdico e o trabalho [...] (p. 343).

Não podendo apenas inserir uma atividade lúdica sem que antes haja pontos relevantes para o ensino e, conseqüentemente, para a aprendizagem, buscando sempre uma ligação entre o ensinar e o aprender, visto que a inserção do lúdico no ensino só tem a acrescentar no desenvolvimento das crianças.

Nesse sentido, Souza (1996) ainda ressalta que:

[...] por acreditarmos numa escola autônoma fundamentada na curiosidade, na ousadia, buscando dialogar com todas as culturas que se abrem às demais e, acima de tudo, numa escola que ofereça uma educação de equidade, procurando justiça e igualdade sem eliminar a diferença (p. 346).

Sendo assim, se faz necessário que nossas escolas tenham um ambiente no qual haja acolhimento para todas as diferenças, e que, independente da cultura, o respeito esteja presente, pois quando respeitamos o mundo do outro estamos ajudando a transformar um mundo melhor, que as características especiais do outro não sejam vistas como empecilho, mas como uma oportunidade para se conhecer novas culturas, novas línguas.

#### 4. ARTEFATOS CULTURAIS DO POVO SURDO

A cultura de um povo é marcada por sua língua, seus hábitos, suas experiências, sua família, sua literatura, não pensando que seja ela homogênea, pois não há como ter unicidade, se temos em nosso mundo povos das mais diversas culturas. É exatamente isso que ocorre com o povo surdo, que tem sua própria cultura. De acordo com Padden e Humphries (2000):

[...] uma cultura é um conjunto de comportamentos apreendidos de um grupo de pessoas que possuem sua própria língua, valores, regras de comportamento e tradições; uma comunidade é um sistema social geral, no qual um grupo de pessoas vivem juntas, compartilham metas comuns e partilham certas responsabilidades umas com as outras (p. 5).

Se a comunidade surda tem sua própria língua, que é a Libras, não seria diferente com a cultura, pois a comunidade surda tem suas especificidades, necessidades, por isso, sua cultura é tão importante para que os surdos sejam reconhecidos e cada vez mais integrados na sociedade.

Strobel (2008) cita que “a humanidade, ao longo do tempo, adquire conhecimento através da língua, crenças, hábitos, costumes, normas de comportamento dentre outras manifestações” (p.17). Dessa forma, ao longo de toda uma trajetória, a Língua de Sinais obteve espaço que ajuda no desenvolver da cultura surda, para que ela mostre caminhos que ajudem o surdo a estar cada vez mais integrado na sociedade.

É a partir de interações entre sujeitos que a cultura vai se criando e desenvolvendo; a cultura surda é um fator determinante para o sujeito surdo, pois ela oferece meios para mostrar que eles também podem e devem fazer parte das interações sociais. Strobel (2008), acrescenta que:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo, a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo (p.24).

Para essa comunidade e a partir de suas características, foi se criando sua própria cultura, por meio do contato entre eles mesmos e do seu modo de ver e entender o mundo, e como toda cultura é carregada de uma bagagem, com essa não seria diferente, há toda uma trajetória percorrida durante todo esse processo de construção e efetivação da cultura surda.

As comunidades surdas no Brasil têm uma longa história. O povo surdo brasileiro deixou muitas tradições e histórias em suas organizações. Estas organizações iniciaram diante de uma necessidade do povo surdo ter um espaço para se reunir e resistir contra as práticas ouvintistas que não respeitavam sua cultura. Essas organizações – as associações de surdos, federações de surdos, igrejas e outros – também tiveram e têm o papel importante que é a transmissão cultural, esportiva, política, religiosa e fraternal pelos povos surdos (STROBEL, 2008, p. 25, 26).

Por meio destas necessidades foram surgindo os artefatos culturais do povo surdo, por serem sujeitos altamente visuais precisam de adaptações para perceber o mundo, entender o outro, conhecer ao seu redor, e isso só ocorre através de seus olhos. A esse respeito, Strobel (2008) corrobora que:

Os sujeitos surdos, com a sua ausência de audição e de som, percebem o mundo através de seus olhos, tudo o que ocorre ao redor dele: desde os latidos de um cachorro – que é demonstrado por meio dos movimentos de sua boca e da expressão corpóreo-facial bruta – até de uma bomba estourando, que é óbvia aos olhos de um sujeito surdo pelas alterações ocorridas no ambiente, como os objetos que caem abruptamente e a fumaça que surge (p. 39).

Assim, acontece a experiência visual dos surdos, já que não conseguem ouvir para saber e identificar de onde vêm os sons e como eles são, a visão se torna o canal primordial para efetivar sua comunicação, podendo também, através dela, perceber expressões faciais e corporais do sujeito com quem dialoga. Esse fator é muito importante ser evidenciado na sociedade, pois, se já sabemos dessa condição do sujeito surdo, nada mais justo que a nossa sociedade se adapte para dar espaço a eles.

Não podemos deixar de frisar outro artefato, o linguístico, que é comumente visto, principalmente para os sujeitos que não têm acesso à Língua de Sinais, e fazem uso de “sinais caseiros”. Assim, afirma-se que:

A comunicação humana é essencialmente diferente e superior a toda outra forma de comunicação conhecida. Todos os seres humanos nascem com os mecanismos da linguagem específicos da espécie, e todos os desenvolvem normalmente, independente de qualquer fator racial, social ou cultural (SÁNCHEZ, 1990, p. 17 *apud* QUADROS, 1997, p. 44.).

Sendo assim, independente do contexto social, o surdo faz uso da Língua de Sinais, seja ela em sua forma oficial, ou em gestos no cotidiano, mas isso não quer dizer que seja dispensável o uso padrão, há todo um contexto relacionado a esse sujeito surdo, seja ele falta de inclusão, de acesso a ela, ou até ausência de incentivo para ele procurar conhecer e se aperfeiçoar em sua língua materna. Torna-se indispensável para o surdo saber e conhecer características de sua língua, sendo ela a forma de obter informações, e ter consciência para desenvolver sua identidade enquanto cidadão. Por este viés, Strobel (2008) diz:

a língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal (p. 44).

Quando é dado ao surdo o direito e as condições de acesso à sua língua, é concedida a oportunidade para que ele se construa enquanto sujeito, que constitua sua identidade, e assim tenha mais orgulho de ser e poder se portar como de fato ele é, que a surdez não tem que impedir sua atuação na sociedade, e tampouco a sociedade negar-lhe possibilidade a ela.

Paixão e Alves (2018) citam: “[...] é necessário que sejam assegurados ao surdo os espaços de interlocução em Libras. Para isto, é importante que instituições sociais como: família, educação e outras cujas bases comunicacionais sejam a língua” (p. 50) estejam envolvidas. Logo, podemos ressaltar um outro artefato dessa comunidade, que é o familiar, que é a base de toda e qualquer educação, seja ela para surdos ou ouvintes.

A família surda não enxerga que um filho surdo seja um “problema”, comumente visto em famílias ouvintes, cabe a ela o papel de ajudar a formar esse sujeito, independente do ambiente em que ele nasceu, tendo ou não pais surdos. É necessário a ele conhecer a Libras, e a família tem papel fundamental nesse processo, pois deve buscar incluir a criança em meios que deem oportunidade a ela, não forçar a criança a aprender uma língua que não seja a que ela deva aprender como primeira. É um processo árduo, porque a sociedade, com seus preconceitos acabam por excluir pessoas que nascem “fora” do padrão, crianças surdas em famílias ouvintes, o que se constitui mais um fator difícil para desempenhar um papel na aquisição dessa língua, mas isso não justifica o fato de querer negar ao surdo o direito a ela.

Já teve casos em que muitas famílias ouvintes foram pedir opinião ao povo surdo e optaram depois em colocar o filho surdo na cultura ouvinte seguindo conselhos de muitos especialistas também ouvintes. O anseio de tornar seus filhos surdos “normais” perante a sociedade falou mais alto, pois as famílias ouvintes no meio da comunidade surda sentiram-se “estrangeiras”, porque é um mundo diferente que não compreendem e com o qual se assustam (STROBEL, 2008, p. 50).

A família é uma das peças fundamentais para que o sujeito surdo seja capaz de buscar aquisição de sua língua. Paixão e Alves (2018) dizem que “o processo de alfabetização de qualquer criança inicia no meio familiar” (p. 56). E a família, entendendo sua importância para a vida do surdo, facilita que desperte nele o desejo conhecê-la e adquiri-la. Não é o melhor caminho para ele a imposição de outra língua, já que tem a própria, então é papel e dever da sociedade, e da família, permitir acesso a ela. O surdo não é

deficiente por ter uma língua diferente, então que ele seja visto de maneira diferente, e tenha possibilidade de se comunicar de forma mais concreta pelo uso da Língua de Sinais.

Numa família surda, todo esse processo é mais fácil, como cita Strobel (2008): “nas outras famílias com todos os membros surdos, dos avós até os filhos, passando por tios, tias, primos, e outros e assim eles passam pelo processo natural de transmissão da cultura surda” (p. 52). De fato, para a criança que nasce já nas condições de adquirir sua língua materna é um processo menos difícil, mas que isso não seja tido como empecilho para que os filhos de famílias ouvintes não tenham conhecimento sobre ela.

Se a aquisição da Língua de Sinais é tão significativa para o surdo, os meios pelos quais ela se manifesta na sociedade é uma arma ainda mais poderosa para a efetivação dessa cultura. Podemos citar, então, sobre a Literatura Surda, que é a maneira que essa comunidade apresenta e reproduz toda uma veracidade que carrega, compondo-se de relatos para compreender mais sobre valores e cultura dos mesmos. Nesta concepção, Strobel (2008) relata:

A literatura surda refere-se às várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e/ou vitórias das opressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militares surdos e sobre a valorização de suas identidades surdas (p. 56).

Desse modo, a Literatura Surda é a forma pela qual essa comunidade se sente capaz de expor sua língua e mostrar sua cultura, podendo valorizá-la e, através da literatura, expandir sua língua e cultura, tanto para surdos terem acesso, quanto ouvintes. Toma-se tão importante para o surdo, pois a literatura surda age como um marco para essa comunidade.

A literatura surda está relacionada com a cultura surda. A literatura da cultura surda, contada na língua de sinais de determinada comunidade linguística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são frequentemente relatadas, pelos contos, lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais (KARNOPP, 2008, p. 14-15).

Notamos que a Literatura Surda é uma base indispensável para que a comunidade surda venha a expor sua cultura e língua em nossa sociedade, e como ela é importante para ouvintes e surdos. Através dessa literatura é possível dar o enfoque de como o sujeito surdo enxerga e interpreta o mundo, pois, como já vimos num artefato anterior, a experiência visual é um aspecto preponderante na vida das pessoas surdas, e na Literatura Surda tais



aspectos são bastante relevantes, pois as experiências visuais são capazes de transferir para a literatura o que o sujeito percebe e entende do que está ao seu redor.

[...] a literatura surda, ela traduz a memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos. A literatura se multiplica em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais (STROBEL, 2008, p. 56).

Portanto, quando a sociedade dá espaço para os surdos, está também deixando que ele mostre o quão rica sua cultura é, por meio de seus artefatos culturais, que para eles é uma maneira de estarem inseridos em diversos contextos, mostrando suas capacidades, seus valores, e, o mais importante, mostrando que a surdez não é motivo para que eles sejam excluídos. Eles possuem uma língua diferente da nossa, e com isso moldam o mundo para que cada vez mais tenham espaço nele, e cabe a nós, ouvintes, ajudá-los e não propagar a visão errônea de que o surdo é deficiente.

## 5. METODOLOGIA

Em busca de novas experiências e relatos, surge a necessidade de se investigar e procurar meios para se organizar e efetivar uma pesquisa. Diante disso, diz Richardson que “o ponto de partida de qualquer pesquisa é a meta ou o objetivo. Em um segundo momento, desenvolve-se um modelo do processo que será estudado ou do fenômeno que será manipulado” (RICHARDSON, 2012, p. 25). Assim, durante o processo de pesquisa qualitativa acontece a busca por estratégias para a realização da mesma e de como esse processo pode facilitar a compreensão de fenômenos estudados.

Em princípio, podemos afirmar que, em geral, as investigações que se voltam para uma análise qualitativa têm como objeto situações complexas ou estritamente particulares. Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos (RICHARDSON, 2012, p. 80).

Dito isto, o nosso estudo pretende examinar situações ali expostas e obter resultados de como foram recebidas tais situações, tendo em vista que é necessária essa metodologia para descrever os resultados obtidos ao longo da construção desta pesquisa. Esta investigação seguirá o viés bibliográfico como início para apontar caminhos e buscar compreensão sobre o tema discutido. A esse respeito, Boccato (2006) esclarece que:

[...] a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação. (p. 266).

Podemos dizer que a pesquisa bibliográfica é a base indispensável para uma investigação, e nossa elaboração do presente trabalho justifica-se, inicialmente, partindo dela. Além da pesquisa de campo, que, segundo Gil, (2008, p. 57) “[...] tende a utilizar muito mais técnica de observação do que de interrogação”. Em vista disso, serão relatadas as experiências obtidas durante todo o processo de formação desta pesquisa, intervindo para que ela tenha resultado significativo.

De acordo com Richardson (2012):

A observação, sob algum aspecto, é imprescindível em qualquer processo de pesquisa científica, pois ela tanto pode conjugar-se a outras técnicas de coleta de dados como pode ser empregada de forma independente e/ou exclusiva. [...] Genericamente, a observação é a base de toda investigação no campo social, podendo ser utilizada em trabalho científico de qualquer nível, desde os mais simples estágios até os mais avançados (p. 259).

A presente pesquisa se construiu partindo desse pressuposto também, pois apresenta o relato de uma convivência direta com as crianças ouvintes, sendo elas as protagonistas de todo este estudo, uma vez que foi feita a introdução do primeiro desenho animado totalmente em Libras, procurando também explicar, dialogar com os alunos para adquirir resultados. Verificaremos os dados obtidos durante esse relato de experiência, a fim de responder questões que foram indagadas diante da composição do trabalho exposto.

Ocorreu um contato com crianças ouvintes de uma escola localizada na zona rural na cidade de Cacimba de Dentro – PB, de faixa etária variando entre 8 a 10 anos de idade. O público composto por sete alunos assistiu uma apresentação do desenho *Min e as mãozinhas*. De forma que nossa pesquisa busca tornar possível o contato com a Língua Brasileira de Sinais, percebendo como ela pode ser utilizada como ferramenta para que os alunos possam desenvolver curiosidade para descobrir como os surdos se comunicam e entendam que eles possuem uma língua.

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesse ponto, será relatado todo o processo de como se deu a intervenção pedagógica, em que utilizamos como ferramenta o primeiro desenho animado em Língua Brasileira de Sinais *Min e as mãozinhas*, para uma turma de crianças ouvintes, do 3º e 4º anos do ensino fundamental, a sala acomodava 7 alunos, dentre eles 4 meninas e 3 meninos com faixa etária entre 8 a 10 anos de idade, interferência ocorrida no dia 11 de abril de 2019.

A mesma ocorreu em uma escola pública municipal da Zona Rural do município de Cacimba de Dentro- PB, com duração de 1:30:00 (uma hora e meia), iniciando às 9 h e 30min (nove horas e trinta minutos) e terminando às 11 h (onze horas).

Como pontapé inicial, discutimos sobre como seria se em nossa sala de aula um de nossos colegas fosse surdo; instantaneamente se olharam, e obteve-se a seguinte resposta “Seria legal, mas como a gente ia conseguir falar com ele?” Com base nesse questionamento começamos a conversar sobre o surdo, onde foi esclarecido que o surdo não é uma pessoa incapaz e que ele por meio de sua língua pode se comunicar, então foram surgindo outros questionamentos como “Mas como é a língua deles professora?”, e continuamos nosso debate, dizendo que a Libras é a língua materna do sujeito surdo, é que é através dela que eles tornam efetiva sua comunicação. Continuamos com o debate acerca da Libras, fizemos o seguinte questionamento “Vocês já ouviram nesse nome, Libras?”, como conseguinte a resposta foi “Não”, continuamos então dizendo que o surdo possui sua língua materna, que é a Língua de Sinais, e que é por meio dela que eles podem dizer qualquer coisa, podem se comunicar com outras pessoas, que fazendo uso das mãos, braços e expressões faciais, por mais que não entendamos, é a forma que eles se comunicam, e que toda aquela maneira de se comunicar não são gestos, e sim sinais que possuem valor linguístico, e são tão importantes como é o português para nós.

Ouviu-se então uma dúvida “Professora e como são os sinais?”, então relatamos que havia sinais que eram parecidos com a palavra na qual gostaríamos de falar, que era como se desenhássemos com a mão aquilo que quiséssemos dizer, como por exemplo, o sinal da palavra elefante, tchau e esses sinais recebiam o nome de icônicos, mas em outros casos poderia não lembrar aquilo que gostaríamos de falar, como por exemplo, o sinal da frase eu te amo, e nesse caso seria um sinal arbitrário, com base nessas explicações já começaram a fazer os sinais das referidas palavras. Como podemos perceber na figura.

**FIGURA 1 – Momento do primeiro sinal realizado (I Love You)**

Fonte: Elaborado pela a autora

Logo após indaguei se seria interessante aprender Libras, rapidamente uma aluna respondeu “Sim professora, imagine só se a gente tivesse um colega surdo, ele ia ficar triste se a gente não falasse com ele”, a partir disso foi explicado que a essa língua não deve ser apenas ensinada para sujeitos surdos, mas também nós como ouvintes poderíamos aprendê-la, e isso seria muito importante para nossa vida, principalmente quando encontrássemos alguém que se comunica pela Língua Brasileira de Sinais.

Logo após as explicações e conversas tidas, relatei que íamos assistir ao primeiro desenho animado totalmente em Libras, intitulado de “Min e as mãozinhas”, ficaram todos curiosos, pois nunca haviam tido contado com outra língua e nem haviam assistido algo que fosse totalmente em Língua de Sinais. Com ajuda de um notebook e caixinhas de som, o desenho que se encontra disponível no youtube foi projetado para as crianças (ver figura 2). Se observou que durante a realização do desenho todos ficaram concentrados, observando os sinais que continham na animação, logo notou-se que os alunos procuravam fazer os sinais que viam no vídeo, tentando sempre relacionar com a imagem que viam.

**FIGURA 2 – Momento de exibição do desenho**

Fonte: Elaborado pela a autora

Logo após a exibição da animação, começamos então uma nova conversa acerca do que eles tinham acabado de assistir. Inicialmente foi perguntado: “O que acharam do desenho?”. Alguns responderam que era legal, divertido, e que o desenho era uma forma de ajuda-los a aprender a Língua de Sinais. Continuei, questionando: “Gostaram de assisti-lo? Por quê?, logo ouvi “Sim professora, por que o desenho ensina muitos sinais.

Posteriormente, indaguei: “Quais eram os personagens?”. Rapidamente responderam “Min, o esquilo, a bolsa, o gato e o elefante”, além de ressaltarem os personagens da animação também conseguiram sinalizar, aprendendo assim todos os sinais dos personagens, em seguida perguntei: “Acharam a Libras uma língua muito difícil de aprender?”, então prontamente disseram “Não! Por que vimos como são os sinais no desenho, mas para aprendermos professora precisamos de muito treino”.

Finalmente, a última pergunta dessa discussão foi: “O que mais chamou atenção na exibição do desenho?”. A maioria respondeu que foi a Min, pelo fato dela ensinar muitos sinais no decorrer da história, por ensina o nome dos animais, ensina a dizer oi, e o que mais chamou atenção foi quando um deles respondeu “Porque mesmo ela sendo surda ela consegue se comunicar”, então foram surgindo outras respostas como: “A campainha professora por ser uma luz, por que se chegar alguém na porta ela não vai ouvir, mas com a campainha luminosa ela consegue entender que tem alguém chamando do lado de fora”. Especifiquei então que isso era uma artefato cultural do povo surdo, pois essa foi à maneira que encontraram para suprir essa necessidade.

Strobel menciona:

Há artefatos culturais materiais resultantes da transformação da natureza pelo trabalho humano, e sua utilização é condicionada pelo enleio do comportamento cultural dos povos surdos, que auxilia nas acessibilidades nas vidas cotidianas de sujeitos surdos. [...] instrumentos luminosos como a campainha em casas e escolas de surdos, despertadores com vibradores, legendas closed-caption, babá sinalizadores etc. (2008, p. 76)

Direcionando-se por esse viés, expliquei que esse era apenas um dos artefatos da comunidade surda, e que a cultura deles era tão rica quanto a nossa, e se eram capazes de trilhar caminhos para se adaptarem na sociedade, poderiam também fazer parte dela como qualquer outra pessoa ouvinte. E outro fator extremamente importante é a experiência visual que também se enquadra como outro artefato, onde Strobel (2008) afirma “Muitas vezes a sociedade dificulta a participação dos sujeitos surdos, deixando de colocar muitos recursos visuais que promovem suas acessibilidades em vários espaços” (p. 41). Então baseado nessas afirmações foi explicado alguns artefatos dessa comunidade, e que por serem sujeitos extremamente visuais precisam de adaptações para não ficarem excluídos da sociedade.

Depois de muita conversa foi proposto então que, partíssemos para a prática onde a atividade era fazer um teatro sinalizado baseado no desenho “Min e as mãozinhas”, e para nossa surpresa a proposta foi bem aceita por todos os alunos, ficaram todos animados e curiosos, partimos então para conhecer todos os sinais contidos na animação, e além da ajuda da professora, houve ajuda entre eles mesmos, onde começaram a auxiliar um ao outro, até que todos soubessem sinalizar o que haviam visto.

Passamos então a ensaiar nosso teatro, dividindo quem iria fazer os papéis dos personagens, com muita empolgação todos ajudaram nesse momento (ver figura 3). Após os ensaios finalmente nos apresentamos no dia 26 de abril de 2019, as 10h (dez horas), a apresentação ocorreu no dia da reunião de pais e mestres da escola, onde tivemos a honra de nos apresentar para todos os presentes nesse dia, incluindo 8 alunos com faixa etária entre 4 a 6 anos de idade que estudam na mesma escola e são alunos do pré ao 2º ano do ensino fundamental, aos 9 pais que naquele momento encontravam-se na escola, e mais uma professora, uma coordenadora pedagógica e a direção (ver figura 4).

**FIGURA 3 – Momentos dos ensaios**



Fonte: Elaborada pela autora

**FIGURA 4 – Momento que os pais assistiam a apresentação**



Fonte: elaborada pela autora



Um momento de extrema importância para nosso trabalho, pois além dos alunos os pais também puderam assistir a nossa apresentação, conhecer um pouco da Língua Brasileira de Sinais, e tiveram a possibilidade de assistir um teatro todo voltado para a Libras. Após o término da apresentação foi perguntado o que eles acharam desse momento, se já conheciam essa língua, e logo a resposta veio, enfatizando que estavam muitos felizes por seus filhos estarem aprendendo algo novo, e que não conheciam exatamente o que era, mas sabiam que era através dela que as pessoas surdas se comunicavam, emocionados relataram que achavam muito importante seus filhos terem acesso a Libras já que eles mesmos em sua grande maioria analfabetos nunca puderam fazer parte de um momento como esse.

**FIGURA 5 – Turma que encenou e assistiu à apresentação**



Fonte: elaborado pela autora

Depois da apresentação do teatro, os alunos explicaram para todas as pessoas que estavam presentes o que cada sinal significava, então se notou que logo os alunos que assistiam nosso teatro começaram a fazer os sinais que continham na peça, e então após a explicação todos já entendiam o que cada um representava e além de entenderem conseguiam reproduzir os sinais que fora ensinado. Strobel relata sobre a importância do teatro para os surdos:

No teatro, a expressão através das feições, corpo e língua de sinais é constantemente praticada pelos sujeitos surdos, por isto eles têm grande talento para expressar as suas identidades culturais através de desenhos no ar: as poesias, as narrativas e as contações de histórias (p. 68)

Entende-se então que, o teatro é mais um artefato cultural do povo surdo, e que ele surge como uma maneira tão importante para representar esse povo, enquanto vistos pela maioria da sociedade como pessoas deficientes, mostram que são capazes de exercer com

maestria as mesmas atividades dos ouvintes, através de manifestações, como o teatro por exemplo.

Torna-se então extremamente significativo o ensino da Língua de Sinais para todos, pois só assim poderemos conhecer essa cultura, e entendermos o quanto ela é indispensável para terminados grupos na sociedade, Strobel (2008) diz:

Os motivos para os sujeitos ouvintes decidirem conhecer e promover a cultura surda é que com isto eles podem fortalecer a imagem da marca surda na vida social, aumentar a credibilidade com relação ao povo surdo, também pode exaltar o relacionamento com a comunidade surda. (p. 112)

Dessa maneira podemos salientar que, uma forma de incluir o surdo no contexto social é buscando também fazer parte de seu universo, pois não tem como inclui-lo sem antes buscar conhecer suas peculiaridades, e o ensino da Libras para todos surge com esse propósito, mostrar ao ouvinte a cultura surda e o mais importante buscar inseri-lo na sociedade.

Em continuidade os alunos entenderam que, “Min”, nossa protagonista da animação, independentemente de ser surda, poderia dizer qualquer coisa, que o fato dela ser surda não quer dizer que ela é incapaz, e que pode sim se comunicar. E sobre a relevância da Língua de Sinais para o povo surdo Strobel (2008, p. 45) relata “Os sujeitos surdos que têm acesso à língua de sinais e participação da comunidade surda tem maior segurança, auto-estima, e identidade sadia”, e foi justamente o que essa personagem nos mostrou, servindo de inspiração para eles, pois a todo momento enfatizavam que ela ensinava seus amigos a falar a Língua Brasileira de Sinais.

Minha surpresa foi ao chegar à escola no dia seguinte, onde, ao entrar em sala de aula fui recepcionada com um bom dia em Língua Brasileira de Sinais, isso foi muito gratificante e emocionante, porque além de tudo que havíamos feito, houve um interesse por parte deles, onde não deixaram de lado aquilo que haviam aprendido, e essas pequenas atitudes nos mostram o quanto à educação inclusiva pode e deve fazer parte da nossa realidade educacional.

Por este viés, cito Strobel, (2008, p. 98-99) que afirma que a inclusão deve ser algo que abranja todos na sociedade, e que respeite as diferenças culturais de cada sujeito “a inclusão, um movimento que tem intenção de envolver toda a sociedade, porém a sociedade não vê o sujeito surdo como diferença cultural, mas sim como deficientes necessitados da normalização, cujo padrão-modelo é o ouvinte”. Dessa maneira compreendemos que, aquilo

no qual necessita ser mudado é a forma de como os ouvintes enxergam o surdo, e não que o surdo tenha que mudar e se adaptar a cultura ouvinte, pois se são usuários de sua própria língua e enquanto sujeitos têm suas especificidades, não seria diferente com sua cultura.

Podemos dizer então que a maneira na qual se foi trabalhada em sala de aula, acarretou pontos positivos para a aprendizagem dos alunos, pois, a forma lúdica de se trabalhar, fez com que houvesse um interesse mútuo de todos os envolvidos durante a intervenção pedagógica, e a “Min” nossa protagonista da animação mostrou uma linda mensagem para nossos pequenos, de que, a surdez não impossibilita o sujeito de viver como qualquer outra pessoa em nossa sociedade, ele precisa do apoio e respeito dos demais indivíduos.

Portanto, nossos resultados foram alcançados de forma muito significativa, de acordo com aquilo que esperávamos, pois se obteve interação durante a realização dos questionamentos, interesse dos alunos em participar do teatro, curiosidades e saber mais sobre a cultura surda, e o mais importante de tudo isso a aprendizagem que todos obtiveram após essa intervenção pedagógica.

## 7. CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como proposta introduzir noções sobre Língua Brasileira de Sinais de forma lúdica, utilizando a literatura surda e o teatro sinalizado como ferramentas, procurando perpassar as barreiras de um ensino tradicional, buscando subsídios para efetivar o ensino de maneira prazerosa. E conseqüentemente, tendo em vista o professor quanto mediador do processo ensino-aprendizagem, oferecendo-lhe uma ferramenta capaz de ajudá-lo, corroborando para que tais profissionais reflitam sobre suas práticas.

Com novos métodos e estratégias didáticas o intuito é que, o professor desperte crianças ouvintes para que vivenciem, e sintam-se envolvidos pela Língua Brasileira de Sinais, e o objetivo de causar esses sentimentos ao alunado é justamente procurando meios nos quais eles despertem esse interesse, por meio da Literatura Surda, e tenham cada vez mais curiosidade para conhecer outra língua. E que todo esse dinamismo se envolva também com a sociedade, pois com as práticas aprendidas em todo esse processo, a contribuição para a sociedade não seria diferente, pois desde já estaríamos formando sujeitos altamente inclusivos e capazes de compreender a necessidade do outro.

Sabemos que nossa sociedade é heterogênea, assim não seria diferente em nossa sala de aula, então é isso que o educador necessita ampliar em seu olhar, buscando subsídios desde a sua formação para tentar suprir nem que seja um pouco das necessidades que estão presentes em uma sala de aula.

E o professor sabendo lidar com essas particularidades que são diversas no ambiente escolar, acaba incentivando e incluído a criança ouvinte a também fazer parte dessas práticas tornando-os sujeitos cooperadores e capazes de entender a heterogeneidade de nossa sociedade.

E visando pelo lado da inclusão das crianças surdas nos contextos escolares nada mais significativo do que inserir a Libras nas grades curriculares, para que dessa forma crianças surdas não sejam forçadas a se adaptar a uma cultura que não seja a sua, como Ressalta Lima e Peixoto (2018, p. 127) “com a falta de possibilidades, adultos e crianças surdas ainda estão à mercê de uma cultura ouvintista impedindo a aproximação dos surdos”. É necessário que o surdo tenha acesso a sua cultura, que conheça suas particularidades e não seja induzido a se adaptar em outro contexto cultural, forçado a deixar de lado tudo àquilo que faz parte do seu mundo.

É justamente isso que necessitamos fazer, propiciar conhecimentos no âmbito escolar, para que tais ações resultem em contribuições para que o surdo não se sinta perdido

dentro de uma cultura divergente da sua, e que assim haja uma comunicação entre ambas às partes, sempre partindo do apoio escolar, para mediar tais conhecimentos, pois sabemos que não é apenas dizer que incluem e o trabalho estará realizado, é necessário efetivar todo esse processo com práticas educacionais. Pois o surdo deve se apropriar de sua língua materna para tornar sua comunicação efetiva, então por este viés cito Lima e Peixoto (2018):

[...] o reconhecimento das diferenças é um desafio a ser enfrentado, que implica reflexões e mudanças comportamentais no âmbito social. Dentro desta concepção oralista, os surdos foram impedidos de participar integralmente na sociedade; expressar sua cultura, sua língua, seus desejos e objetivos, sofrendo discriminação e incompreensão e sua identidade. (p. 117)

Sendo assim, que os professores possam ter essa concepção de inclusão, e que esclareçam que a cultura surda é de extrema importância para o sujeito surdo e sem ela seria como se roubássemos uma parte da história dessa comunidade, e a sociedade precisa estar atenta a essa diversidade, e não mais tratar o surdo como deficiente, pois o fato de usarem uma língua sinalizada não justifica o fato de serem intitulados dessa maneira.

Buscando trazer para a sala de aula informações sobre a Libras, é tornar o indivíduo conhecedor das particularidades que cercam a Língua Brasileira de Sinais, é inteirar a comunidade ouvinte sobre as especificidades sobre ela, sendo um aspecto indispensável para buscar desmistificar as dúvidas e contradições referentes a essa língua.

Com o uso da primeira animação em Língua brasileira de Sinais, *Min e as mãozinhas*, debates, atividades, pudemos mediar um pouco desse conhecimento, tornando a aula um momento de enriquecimento cultural e linguístico, colaborando para se conhecer outra realidade.

O mais gratificante perante tudo isso é notar que essa contribuição que embora tão estreita, pode realçar a importância dessa língua tão rica para que novos trabalhos venham a surgir ressaltando o quão a Língua Brasileira de Sinais é interessante. Percebendo que tudo aquilo que fora trabalhado durante a intervenção trouxe pontos e conhecimentos significativos para as crianças, e para a minha construção profissional enquanto professora, e até mesmo excedendo o ponto no qual pretendíamos chegar. Percebendo o interesse deles, a curiosidade, a empolgação não a como não se emocionar, pois tudo aquilo que pretendíamos realizar fora feito da melhor maneira possível. E a satisfação em pesquisar sobre foi impactante, pois a cada nova descoberta e objetivo alcançado só nos fez acreditar cada vez mais na educação inclusiva.

Por fim, ver que as crianças ouvintes aprenderam um pouco sobre a Língua Brasileira de Sinais, foi um ponto determinante para a construção desta monografia, pois com a metodologia utilizada pôde-se perceber um aproveitamento expressivo sobre tudo aquilo que foi ensinado, tendo um aprendizado muito importante durante todo esse processo. E conseqüentemente abrindo novos horizontes acerca da Libras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265, 2006.

BRASIL. CONGRESSO NACIONAL – **Lei Federal 10.436**. Dispões sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Presidência da República, 2002.

BRITO, Lucinda Ferreira. A Língua Brasileira de Sinais. *In*: BRASIL, Ministério da Educação. **Deficiência Auditiva**. Série: Atualidade Pedagógicas, fascículo 7. Brasília: SEESP, 1997.

FIGUEIREDO, Rita Vieira de. Incluir não é inserir, mas interagir é contribuir. *In*: **Inclusão: Revista da Educação Especial/ Secretaria de Educação Especial**. v. 5, n. 2 (jul/dez) – Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2010.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? que língua é essa?:** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008

GUIDETTI, Josieli; MOREIRA, Ariane. Lúdico: alfabetizar brincando. *In*: ANTUNES, Helenise S. **Trajetória Docente: o encontro da teoria com a prática**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Metodologia do Ensino, 2005.

KARNOPP, Lodenir. Aquisição da Linguagem de Sinais: uma entrevista com Lodenir Karnopp. *In*: Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Vol. 3, n. 5, agosto de 2005. ISSN 1678-8931. Disponível em: <[http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel\\_5\\_entrevista\\_lodenir\\_karnopp.pdf](http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_5_entrevista_lodenir_karnopp.pdf)>. Acesso em: 07 de maio de 2019.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura Surda**. Material elaborado para uso na disciplina “Introdução aos Estudos Literários”, do curso de Licenciatura em Letras-Libras, na modalidade a distância. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <[LIMA, Alessandra Almeida; PEIXOTO, Janaína Aguiar. A BELEZA DE UM MUNDO VISUAL. \*In\*: PEIXOTO, Janaína Aguiar; VIEIRA, Maysa Ramos. \(Org.\). \*\*Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões\*\*. 1ed. João Pessoa: sal da terra, 2018, v. 1, p. 116-129.](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_TextoBase.pdf&ved=2ahUKEwi_iKTe9ofiAhWFlbkGHYLZAxkQFjABegQIARAB&usg=AOvVaw2W2pILnc3-xmXAcRD3EZIY.> Acesso em: 16 de abril de 2019.</p>
</div>
<div data-bbox=)

PADDEN, Carol; HUMPHRIES, Tom. **Deaf in américa: voices from a culture**. Cambridge: Harvard university Press, 2000.

PAIXÃO, Ezequiel Adney Lima da; ALVES, Edneia de Oliveira; Libras em suas modalidades: Artefato linguístico da comunidade surda. *In.*: PEIXOTO, Janaina Aguiar; VIEIRA, Maysa Ramos; (Orgs). **Artefatos culturais do povo surdo: Discussões e reflexões**. João Pessoa: Sal da terra editora, 2018.

PINHEIRO, Lucineide Machado. **Língua de sinais brasileira: libras I**. São Paulo: Know How, 2010.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RANKBRASIL. Primeiro desenho animado em Libras. Junho 2018. Disponível em: <[http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/OxYk/Primeiro\\_Desenho\\_Animado\\_Em\\_Libras](http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/OxYk/Primeiro_Desenho_Animado_Em_Libras)> Entrevista concedida ao rankbrasil. Acesso em: 13 de dezembro de 2018.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo Atlas: 2012.

SOUZA, Edson Roberto de. **O lúdico como possibilidade de inclusão no ensino fundamental**. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 9, p. 339-347, jan. 1996. ISSN 2175-8042. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5856/20479>>. Acesso em: 01 março 2019.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

UZAN, Alessandra Juliana Santos. *et al.* A importância da língua de sinais – (libras) como língua materna no contexto da escola do ensino fundamental. *In: XII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VIII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação* – Universidade do Vale do Paraíba. São Paulo: Univap, 2008.

WALLIS, Lars. **Os surdos e o bilinguismo**. Rio de Janeiro, Boletim 5, Geles – grupo de estudos sobre linguagem, educação e surdez. UFRJ, 1990.



# APÊNDICE

## APÊNDICE A – ROTEIRO DA AULA INTERVENTIVA

### O DESENHO EM LIBRAS *MIN E AS MÃOZINHAS*, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

1. INTRODUÇÃO: falar sobre a Libras, apresentar o alfabeto em Libras, discutir sobre a importância da mesma para nossa sociedade.
2. APRESENTAÇÃO DO DESENHO: *Min e as mãozinhas*.
3. REAÇÃO DAS CRIANÇAS AO ASSISTIREM A UM DESENHO TOTALMENTE EM LIBRAS: buscar ensinar os sinais contidos na animação e junto com elas traduzir.
4. PERGUNTAS SOBRE O DESENHO: se gostaram, como foi a experiência de conhecer o desenho, se gostariam de aprender mais sobre a Língua Brasileira de Sinais.
5. FAZER OS SEGUINTEs QUESTIONAMENTOS:
  - O que acharam sobre o desenho?
  - Gostaram de assisti-lo? Por quê?
  - Quem são os personagens?
  - Quais sinais assimilaram com mais facilidade?
  - Acharam uma língua difícil de aprender?
  - E o que chamou mais atenção durante a exibição do desenho?
6. Teatro sinalizado referente ao desenho *Min e as mãozinhas*, baseado nos sinais vistos no desenho.
7. RECURSOS UTILIZADOS
  - Cartaz confeccionado com os sinais vistos no desenho;
  - Atividade lúdica para mostrarem a tradução de palavras em sinais;
  - Notebook para exibição do desenho
  - Ilustrações com os personagens do desenho.